

UM HOMEM, UM POETA, UMA MÁQUINA DE PASSAR VIDRO COLORIDO: Mário Cesariny Centenário

Maria Silva Prado Lessa¹

Julia Pinheiro Gomes²



Um dos modos de apresentação de um artista se inicia por uma referência biográfica — dizer, por exemplo, que Mário Cesariny de Vasconcelos nasceu em Lisboa, em 9 de agosto de 1923, e que lá mesmo faleceu, em 2006, aos 83 anos. Feitas as contas, neste ano de 2023 celebramos o centenário de nascimento de um poeta que se dedicou a uma experiência de afirmação revoltada da liberdade, do amor, do desejo e da poesia. Se Cesariny pôde declarar seu amor numa carta aberta a Vieira da Silva com um simples e direto “eu amo-te, Vieira da Silva!” (VIEIRA DA SILVA; CESARINY, 2018, p. 78), reivindicamos neste número da *Revista Metamorfoses* o amor pelo poeta como força motriz incontornável da nossa tarefa de organizadoras de uma co-memoração.

Figura de proa na organização do surrealismo português, Cesariny participou desde o princípio dos debates críticos e práticos envolvendo o movimento em Portugal, integrando o Grupo Surrealista de Lisboa (1947-1948), com o qual romperia para fundar o grupo dissidente d’Os Surrealistas (1949). Este segundo agrupamento, logo em seguida, seria dissolvido em prol do desenvolvimento de atividades individuais que, ocasionalmente, poderiam correr em conjunto. Seja como for, o poeta permanece, hoje, como um dos mais representativos nomes ligados ao movimento.

Dão testemunho de “voto absoluto de surrealismo” (expressão cesarinyana) a sua vasta produção artística (com estreia já de obras híbridas entre a palavra escrita e a

¹ Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora do livro *Mário Cesariny: a obra ou a vida*, fruto de sua pesquisa de doutorado, publicado pela Editora Documenta, em Portugal, em 2022. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-doutorado na UFRJ.

² Professora Adjunta de Literatura Portuguesa na Universidade Federal da Bahia. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo desenvolvido pesquisa sobre a obra poética e ensaística de Mário Cesariny.

imagem visual em 1949, na *I Exposição dos Surrealistas*, em Lisboa, e no poema *Corpo visível*, de 1950), a organização de diversas antologias poéticas coletivas e individuais (como a *Antologia do cadáver esquisito* e a reunião *Poesia*, de António Maria Lisboa), a publicação de coletâneas de textos de intervenção do movimento (como *A intervenção surrealista* e *Textos de combate e afirmação do movimento surrealista mundial*), a atividade crítica desenvolvida em periódicos (reunida em *As mãos na água a cabeça no mar*) e como mecanismo poético (em *O Virgem Negra*, por exemplo) e, ainda, a dimensão performativa assumida na sua experiência com a poesia, da qual nos dão notícia o filme documentário *Autografia: um retrato de Mário Cesariny* (2004), de Miguel Gonçalves Mendes, e os relatos e registros fotográficos, sonoros e transcritos das suas aparições públicas, bem como a larga produção obtida sob a prática do automatismo (que encontramos em seus aquamotos, suas sismofiguras e soprofiguras).

A variada obra que Cesariny nos deixou mostra-nos que qualquer tentativa de compartimentação ou de descrição exaustiva dos seus processos criativos é uma tarefa “cínica e conservadora”, como apontaria no poema “Tal como catedrais”, de *Manual de prestidigitação*. Ao mesmo tempo, o caráter intensamente dialogante dessa produção aponta-nos que a interlocução com outros artistas é uma das mais fundamentais condições de sua existência. O trânsito pelos seus mais variados objetos frequentemente se confunde com uma perseguição de um vulto que emerge em entrevistas, em documentários e em fotografias, revelando a concepção de uma obra-vida, ou de uma vida-obra reivindicada como experiência cotidiana contra o cotidiano, emergente nas ruas de Lisboa, de Paris, de Londres ou de Amsterdã para nunca mais de lá desaparecer, fazendo da rua o lugar por excelência do encontro com a poesia.

Iniciamos, então, esta celebração de Cesariny com o artigo de Michele Coutinho Rocha, que nos apresenta a faceta plástica de um artista múltiplo. Sem ignorar o relevo da poesia na obra de Cesariny, a autora busca observar a convergência destas duas formas artísticas em obras pictóricas como *Este é o meu testamento de Poeta*, de 1994, em que é representada a imagem da “Menina Poesia” ou “Menina Sol”. Tal símbolo andrógino de união, poder e transformação, recorrente em suas criações, funciona, segundo Rocha, como uma afirmação de sua própria identidade poética. Ainda neste âmbito, Amanda Tracera, no artigo seguinte, indica a necessidade de “um olhar integral” para a obra cesarinyana. A partir da leitura do livro *Manual de prestidigitação* e, em especial do



poema “Exercício espiritual”, a pesquisadora aponta para a indissociabilidade entre o fazer poético e o trabalho crítico, que se torna, para o autor homenageado, uma espécie de “exercício mágico” e uma forma de (auto)conhecimento.

O estudo desenvolvido por Rui Sousa recorre a entrevistas de Mário Cesariny – hoje reunidas e editadas no livro *Uma última pergunta* (2020), organizado por Laura Mateus Fonseca – para refletir sobre a questão da temporalidade ocidental na visão do artista. Seus argumentos demonstram que o poeta compreende o Surrealismo como um movimento contrário ao paradigma totalitário europeu, já que revela a permanência de rastros de outros tempos, lugares, pessoas e culturas. Expandindo a crítica contra a hegemonia do Ocidente, Sousa aponta também a escolha de Fernando Pessoa (e *Orpheu*) como alvo dos comentários de Cesariny, num revisionismo crítico da própria literatura portuguesa, que lhe era tão caro.

Retornaremos, em seguida, ao diálogo com as artes plásticas com Viviane Vasconcelos, que revisita a relação entre o poeta homenageado pelo dossiê e o casal de pintores, Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes, ao investigar ensaios e poemas selecionados. De acordo com a autora, Cesariny aproxima filosofia e pintura ao contemplar a obra destes artistas, que vislumbram o amor como força motriz do mundo. Vieira da Silva, amiga e espécie de guia de Cesariny, é convocada, novamente, no texto de Raphael Felipe Pereira de Araújo. Tendo como ponto de partida as sereias idealizadas por ela e outras imagens de ninfas e Ofélias nas artes europeias de períodos diversos, o pesquisador explora, na esteira de Cesariny, a (incipiente) recepção da artista em Portugal e as relações dela e de sua obra com o Surrealismo, ainda que oficialmente jamais tenha feito parte do grupo.

Outra interlocução que nos revela o interesse de Cesariny pela recepção do Surrealismo presente neste dossiê é destacada por Marcus Rogerio Salgado, que examinou a correspondência entre Mário Cesariny e Sergio Lima. Ainda pouco conhecidas, as cartas hoje publicadas no livro *Sinal Respiratório* (2019) lançam luz sobre a forma como, de lados opostos do Atlântico, estes dois poetas-pintores foram decisivos para a construção de outro(s) Surrealismo(s), para além do núcleo bretoniano. Além disso, ambos se estabelecem, de acordo com Salgado, como vozes críticas centrais do movimento em seus respectivos países.



O último artigo do dossiê, de Clelio Toffoli Jr., mostra-nos a permanência do Surrealismo através da análise de duas obras contemporâneas: o livro *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), de Patrícia Lino e o filme *Non ou a vã glória de mandar* (1990), de Manoel de Oliveira. Compreendendo o Surrealismo como um método interpretativo, o autor nota tanto nos poemas de Lino como no longa-metragem de Oliveira elementos tipicamente surrealistas, que buscam colocar em debate e, conseqüentemente, desestruturar o (ainda atual) imaginário colonial português.

A existência solar de Cesariny, afirmada num corpo marcado com um “sol sobre a pleura”, como escreve em “Autografia I”, do inescapável *Pena capital*, é celebrada, aqui, pela reunião de artigos de especialistas e admiradores de sua obra. Concluímos o dossiê dedicado a celebrá-lo com a reprodução de “Fulgor e morte do surrealismo e uma tarde com Mário Cesariny”, entrevista concedida pelo poeta em 1978 a Francisco Belard. Nela, encontramos um Cesariny disposto a reavaliar os contornos não apenas da sua trajetória, mas a do movimento Surrealista em seu passado, presente e futuro, após mais de 50 anos de aparição do primeiro “Manifesto do Surrealismo” (1924). Revisitando a cena artística, cultural e política em Portugal, o poeta dá-nos também um agudo diagnóstico da cena neorrealista dos anos de 1940 e do desencontro fundamental entre as duas correntes. Como escreveu o entrevistador então, “hoje, mais do que nunca, falar de Cesariny é falar do surrealismo em Portugal, ou em português”. Às vésperas do centenário do Manifesto de 1924, celebrar hoje Cesariny centenário é, também, celebrar o Surrealismo de ontem e de sempre como força revolucionária que “não se detém na realização duma estética”, como declara, e que toma a poesia como “sempre liberdade e sempre realidade”.

